

1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma.”

- d) “[...] Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o *via*. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. (...) nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1:30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade. (...) teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval.”
- e) “O meu semi-heterônimo (...) aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade.”

7. Leia o trecho a seguir, que conclui o conto *Sem Ana, Blues*, de Caio Fernando Abreu. Nele, o narrador conta como tenta superar, em vão, a dor e o vazio ocasionados pelo fim de seu relacionamento amoroso com Ana:

(...) enquanto recolho os inúmeros recados, convites e propostas da secretária eletrônica, sempre tenho a estranha sensação, embora tudo tenha mudado e eu esteja muito bem agora, de que este dia ainda continua o mesmo, como um relógio enguiçado preso no mesmo momento – aquele. Como se quando Ana me deixou não houvesse depois, e eu permanecesse até hoje aqui parado no meio da sala do apartamento que era o nosso, com o último bilhete dela nas mãos. A gravata levemente afrouxada no pescoço, fazia e faz tanto calor que sinto o suor escorrer pelo corpo todo, descer pelo peito, pelos braços, até chegar aos pulsos e escorregar pela palma das mãos que seguram o último bilhete de Ana, dissolvendo a tinta das letras com que ela compôs palavras que se apagam aos poucos, lavadas pelo suor, mas que não consigo esquecer, por mais que o tempo passe e eu, de qualquer jeito e sem Ana, vá em frente. Palavras que dizem coisas duras,

secas, simples, irrevogáveis. Que Ana me deixou, que não vai voltar nunca, que é inútil tentar encontrá-la, e finalmente, por mais que eu me debata, que isso é para sempre. Para sempre então, agora, me sinto uma bolha opaca de sabão, suspensa ali no centro da sala do apartamento, à espera de que entre um vento súbito pela janela aberta para levá-la dali, essa bolha estúpida, ou que alguém espete nela um alfinete, para que de repente estoure nesse ar azulado que mais parece o interior de um aquário, e desapareça sem deixar marcas.

ABREU, Caio Fernando. *Sem Ana, Blues*. In *Os dragões não conhecem o paraíso*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. p. 34-35.

Embora o personagem afirme que tudo mudou e ele está bem, é possível perceber sinais de que ele ainda não superou a perda da mulher amada. Constituem indícios dessa não superação:

- I. a sensação de que o tempo não passou após a partida de Ana, como se ele estivesse preso no mesmo dia.
- II. a permanência dolorosa e insistente, na memória, das últimas palavras que Ana lhe escrevera.
- III. uma sensação de vazio, fragilidade e asco, transmitida por meio da ideia de que o protagonista se sente uma bolha de sabão, que pode ser facilmente estourada ou levada pelo vento.

Assinale a alternativa em que se qualifica, correta e respectivamente, essas proposições como verdadeiras (V) ou falsas (F):

- a) F, F, V.
b) F, F, F.
c) V, V, V.
d) V, V, F.
e) V, F, V.

- ☉ Para responder às questões **8**, **9** e **10**, leia o trecho a seguir, do romance *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna. Nele, o narrador se apresenta como um poeta que disputa com outro a primazia entre os artistas de seu tempo.

Entre esses, havia um, escrevente do Cartório de Seu Belarmino Gusmão. Era um sujeitinho magro, escalavrado, com cara de conchris. Provavelmente abrigava e abriga na cabeça o sonho quimérico de vir a ser Gênio da Raça Brasileira. Sentindo o perigo que eu representava para ele, começou imediatamente uma campanha surda e desleal contra mim. Para me destruir, começou